



ALEXANDRE MORAES E CASÉ LONTRA MARQUES

**“O poema só é possível se a cada momento
enfrentamos as mudanças de significado e significante
que a língua, em sua intensa movimentação, vai propondo”**

Alexandre Moraes e Casé Lontra Marques vivem em Vitória, capital do Espírito Santo, onde cada um desenvolve uma obra que já se compõe de vários volumes de poesia. Agentes dos mais ativos da cena literária capixaba, aproveitam as facilidades oferecidas pela internet para se manter articulados com os pares do restante do país.

Em 2010 lançaram a *Aves de Água*, para publicar escritos em versos, mas também ensaio, ficção e peças teatrais. A ideia é produzir livros baratos, mas bem cuidados, em papel linho, com prefácio e outros elementos caracterizadores da edição crítica. A julgar pelo sucesso do lançamento dos primeiros títulos – em cuja noite de autógrafos venderam 239 exemplares –, a editora se firmará rapidamente como uma alternativa para os autores locais.

Na entrevista a seguir, realizada pelos estudantes de graduação em Letras da UFRJ **Luiz Gustavo Câmara Nunes** e **Rafael Lemos**, os dois poetas falam de suas várias frentes de atuação, seus respectivos processos de criação e as peculiaridades da vida literária fora do eixo Rio-São Paulo.

Cada poeta tem uma maneira particular de produzir: alguns gestam interiormente o poema antes de escrever, outros partem de um verso para desdobrar os demais... Falem um pouco sobre o processo criativo de vocês.

Alexandre Pois é, cada poeta possui um *modus operandi*, por assim dizer... O meu depende das relações que estou estabelecendo com a vida naquele momento preciso. Poesia é um modo de habitação – tentativa infinita de estar e ser – e significa operar com formas e sentidos. Disciplina imprecisa de escrita mais as impossibilidades e limitações da vida de escravidão, quer dizer, de trabalho, dão as tonalidades de minha situação na hora de escrever. Faço versos praticamente todo dia, pois o poema nasce do contato com o mundo, de sua transformação diante de sujeitos múltiplos e, para haver poema, é preciso não se afogar na água do cotidiano e sua desmundialização. Em outras palavras, o mundo se encontra ao mesmo tempo como dádiva e negação e, nisto, a ação das escritas e falas faz da dádiva do mundo um mundo efetivo. Processo de inserção, de perseguição, de transformação e, então, a possibilidade de uma outra água, a do poema. Poesia é também estar na língua e, como digo num texto de *A sequência de todos os passos*, faço tudo para entrar na língua. Com a língua mantemos relações complexas: não podemos sair e temos de entrar. A poesia diária tenta resolver essas questões. Trabalhar cotidianamente e no significado do dia é uma das formas de escrita, de estar na casa-mundo, de adentrar a língua. É preciso criar territórios, deslizar sobre expansões de sentido, reinventar a história dos passos a cada manhã em que se escorrega pela língua. Não concebo o poema antes, nem durante nem depois de colocá-lo no papel: o poema tem outro tempo, o poema é sempre, todo dia, toda hora, todo segundo, faz-se no instante-já, que se altera infinitamente a cada passo concreto sobre o dia e a noite.

Casé Exercito a escrita como um modo de existir intensamente, por entre ares tantas vezes rarefeitos. Não saberia definir, para as

minhas práticas de fala, um processo único de criação, sobretudo porque tenho procurado fazer possível uma palavra em incessante oscilação. Com alguma inquietude, vejo não apenas os impulsos, mas as meditações se proliferarem por territórios imprevistos, explorando métodos, percursos, corpos diversos. Noto que costume propagar tentativas de texto moduladas em comunicação, tanto quanto em confronto, com campos antes desconhecidos, ainda que tateados por ritmos imprecisos, mas incessantes.

Como vocês começaram? Como descobriram a inclinação para a escrita, para a palavra poética? Houve um momento inaugural ou o caminho se fez gradualmente?

Casé Acredito que o começo da escrita é uma experiência cotidiana, que não se encerra nem se inicia na composição de um texto; a criação poética configura uma vivência, não raro originária, da linguagem, interrogando a própria existência, ao dedilhar, desorganizando-se, uma nova dimensão para a realidade.

Alexandre Convivo com a poesia desde menino, pois meu pai pregava poemas nas paredes, no banco do carro, nos tijolos, no cimento do quintal e por aí vai, quer dizer, doido a mais que, como uma espécie de Riobaldo, “rezava para desindoidar”, como ele mesmo dizia, ainda que de forma menos culta e mais estranhamente parnasiana. Jamais quis publicar um livro, mas vivia poesia até quando apertava parafusos. Quando eu saía para viagens mais longas, ele se despedia mandando-me “olhar as nuvens e sentar ao relento”. Descobri posteriormente que isso parecia com Hölderlin e, bem depois, com Heidegger.

No entanto, nunca senti uma inclinação pessoal, tampouco tive um insight ou coisa parecida, como quem descobre um móvel interior ou vocacional. Ao contrário, fazia tudo para não estar em poesia. Quando o Casé veio morar perto de mim, parei de lutar contra a poesia, pois aprendi com ele que não se foge do lugar que habita todos os lugares e que só me é possível habitar o mundo poeticamente. Nunca me cansarei de agradecer ao Casé por me devolver ao relento sobre o qual meu pai me mandava sentar; e lembro sempre daquele texto: “A casa do poeta é ao relento”. Sempre estive neste relento, mas lutei contra até conhecer o Casé e ser devolvido tranquilamente ao lugar em que sempre estive.

Desde então parei de sofrer, voltei a publicar e, efetivamente, pensar-me não como uma espécie de teórico, de pessoa que tenta a filosofia mas não a poesia. A poesia é um lugar do qual jamais saí e no qual jamais entrei, porque jamais deixei de reorganizar o que a língua me doa como forma possível de estar no mundo e nos mundos em estado de viver. Viver para mim é estar com um poema pendurado na cabeça ou em algum lugar da casa.

Vocês têm alguma dificuldade em apresentar ao público um poema ou livro ainda incompletos?

Alexandre Não, de forma alguma, até mesmo porque toda poesia é um exercício. A pergunta me remete a Borges: acredito que a gente publica para parar de mexer no livro, como ele mais ou menos pensava. Claro, quando o poema ainda é uma possibilidade de apreensão, fica difícil mostrar a alguém. Mas mostro o que posso – e existem aqueles coitados que sofrem comigo os textos.

Casé Não me oponho a expor uma produção ainda não concluída, desde que algo já se tenha delineado, de modo a deixar entrever, com alguma concretude, a proposição de um sinal, talvez sutil, de sentido. Por outro lado, há determinados estágios de texto que são ilegíveis, o que impede a leitura, mesmo que atenta. Em geral, minhas composições demoram a ganhar contornos precisos, momento que não prorrogo, mas tampouco antecipo. Gosto de participar de uma respiração mais vasta, que se reorienta insistentemente.

Como vocês vivem o ato de recitar?

Casé Se não repudio a recitação como um modo de recepção poética, também não me voluntario para a sua efetivação; há ocasiões em que leio meus textos, mas não o faço com grande prazer. Creio em muitas vozes, nem todas audíveis; não são insignificantes os instantes, no entanto, em que persigo estruturas, sintaxes de potencialidades dramáticas.

Alexandre Estive no Rio e vi que a Heloisa Buarque de Hollanda tem razão ao destacar a relevância atual da fala, do recital. Há um movimento de recitais, uma necessidade muito grande da fala do poeta ou de alguém recitando o texto. Em alguns momentos eu preferiria um leitor mais solitário e atento, mas não tenho problemas com a fala direta do texto. Alguns meses atrás, gravei áudios para o site *viceverso* e gostei do resultado, o pessoal trabalhou super bem.

Agora, morro de medo das performances que, boas ou não, se afastam do que a poesia sempre se propôs a ser: arte do pensamento e da palavra. O pensamento pode ser proferido em voz alta, mas

receio esquecermos que a coisa toda foi feita para pensarmos/sentirmos. Frequentemente vemos oralizado um romantismo rebaixado, tenebroso, uma visualidade também rebaixada e não menos tenebrosa, um fazer confessional desidratado demais para chamarmos de poesia oral (ou mesmo oralizada e oralizável) ou coisa que o valha. Mas moda é dominação e, olhando por outro lado, isso tem tudo a ver com a literatura feita para um mercado ávido de shows popinhos e com pouca gente realmente lendo/pensando/sentindo. Basta ver como a maioria das editoras e livrarias trata a poesia, sobretudo a atual.

Como anda a cena literária no Espírito Santo?

Alexandre O Espírito Santo e o restante do país fora dos famosos “eixos” têm uma cena literária com muitos entraves, provinciana e cheia de percalços. A poesia sempre despertou interesse por aqui, mas, como não poderia deixar de ser, a coisa anda a passos bem pequenos e as dificuldades são enormes. A UFES tem algum fôlego literário, mas também enfrenta problemas muito sérios no tocante à produção, edição e divulgação de ficção e poesia.

Casé Receio não ter meios de responder; talvez devêssemos recorrer a um mapeamento paciente, em meio aos intrincados desígnios do circuito literário. Por enquanto, prefiro pensar uma possível inserção – na língua, na história, no tempo – de estímulos, tanto quanto de ensurdecimentos, nem sempre submissos.

Casé, em seu livro Mares inacabados (2008) há bastante prosa poética e versos lineares. Já em Campo de ampliação (2009) se destacam os versos

fragmentados e o aproveitamento espacial da página. Finalmente, em A densidade do céu sobre a demolição (2009), você volta à prosa poética, ainda que continue cultivando versos fragmentados. Essas mudanças se deram espontaneamente ou obedeceram a algum plano de aperfeiçoamento estético?

Casé Agradeço a leitura cuidadosa do que tenho produzido, em especial dos livros mencionados. Não com segurança, mas com dedicação, posso dizer que procuro habitar escritas múltiplas, entre desejos, ansiedades, delírios e atrocidades tantas vezes informes; os textos que me habitam, enquanto os tateio, são construídos com o imprevisível. Há momentos em que me percebo compondo organismos rítmicos, mesmo que aparentemente se entreveja na página uma formatação seja de verso, seja de prosa. Manipulo estilhaços, detritos, fragmentos reelaborados por vozes, por voltagens dispersas, que se indeterminam, disseminando-se como claridades – pelo menos para mim – inesperadas.

Alexandre, em seus textos chama a atenção a relação entre tempo, espaço e movimento: o tempo aparece em sua face cronológica; o espaço surge como corpo, matéria; o movimento se dá na própria interrelação entre esses dois elementos. Essa combinação entre os três elementos é consciente?

Alexandre O movimento é na língua, da língua ao mundo e do mundo para a língua. Vivo em estado de movimento e contato, portanto de tempo e, sobretudo, de construção, quer dizer, de espaço. Procuro ir sentindo/pensando a habitação para estar, e isso é encontrar e saber, como diz o Casé, que “só o tempo sabe seu rosto /

no espelho da instabilidade”. No rosto que se desloca, no sentido instável que se evola infinitamente, construindo fluxos e regiões, o tempo e o movimento se espacializam. O poema é uma forma de nos mantermos em movimento e observarmos o estado de penúria e gozo em que estamos inseridos: injustiças sociais de toda ordem, fomes, inanição intelectual, estupidez política, pobreza linguística, incapacidade existencial e todo o prazer do mundo, além de sua aventura de significação. O poema só é possível se a cada momento enfrentamos as mudanças de significado e significante que a língua, em sua intensa movimentação, vai propondo. O mais é o hábito, o fóssil, o monstro que habita a língua, a doxa, como diria Barthes. Buscar o tempo não é um exercício escolástico, fútil, mas procurar compreender a movimentação do sentido e do sujeito na língua e nas ilhas de história em que nos encontramos.